



A Voz da História: memória, relatos orais e tempo presente

Sara Oliveira Farias¹

“Lembramo-nos contanto que nos coloquemos no ponto de vista de um ou vários grupos e nos recoloquemos em uma ou várias correntes de pensamento.”

Maurice Halbwachs

Resumo: O artigo analisa através de dois relatos orais de memória os significados da memória e seu uso no presente, centralizando a prática do trabalho nas décadas de 1980 e 1990 em uma empresa mineradora na Bahia. Analisar as condições perigosas do trabalho que produziu a silicose, doença letal e sem cura, constitui um dos objetivos do artigo, além de discutir também como a doença desorganizou a vida familiar dos trabalhadores.

Palavras-chave: trabalho, memória, doença, mineração.

Abstract: This article analyzes the significance of memory and your use in the present, by using two oral reports of remembrance which emphasizes the work practice in a mining company in the state of Bahia by the decades of 1980 and 1990. One of the objectives of this article is to analyze the dangerous conditions of work which resulted in a non curable and lethal disease known as silicosis, discussing how this disease disorganized the familiar life of the workers.

Keywords: work, memory, disease, mining.

Recebido em 29/08/2014 e aprovado em 15/11/2014

Introdução

A prática do historiador é permeada por longos e, muitas vezes, sinuosos caminhos. Reconstruir o passado implica em múltiplas possibilidades que alia análise detalhada de acontecimentos e episódios, através de uma narrativa construída com base em documentação

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

(oral, escrita, imagética, etc) e que revela, quando possível, fragmentos de histórias de homens e mulheres que registraram de alguma forma suas experiências de vida.

Os debates no campo da História, a partir da segunda metade do século XX, sobretudo aqueles relacionados ao fazer histórico, ganharam novas dimensões, ampliaram novos temas e objetos de pesquisa, propiciando um verdadeiro *boom* em termos de inovações e novidades para os historiadores.

Nessa perspectiva, pode-se pensar nos relatos orais que constituem a nomeada história oral, metodologia de análise e pesquisa que ao final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, foi introduzida no Brasil e ampliou as possibilidades para a pesquisa na área da História. Desse período até o momento atual, as pesquisas que utilizam esta metodologia avançaram, revelando trabalhos e pesquisas de professores e alunos dos cursos de História, com destaque para os de seus Programas de Pós-Graduação, bem como dos cursos de mestrado e doutorado de outras áreas como Sociologia, Educação, Antropologia, Literatura e Geografia, entre outras.

A consolidação da História Oral deve-se, em parte, ao fato de ter sido, desde o início, muito criticada, pelos historiadores mais tradicionais que valorizavam apenas o documento escrito, considerado como único instrumento de análise para reconstrução do passado. Outro fato relevante está relacionado à sociedade, não apenas a brasileira, mas as de outros países que passaram, desde a segunda metade do século XX, por profundas transformações, incluindo-se desde as novas tecnologias, o uso da imagem, internet, celular, como uma mudança de mentalidade que centralizou o debate contra uma história totalizante e unicamente verdadeira.

A memória passou a se constituir como objeto de análise dos estudiosos que começaram a trabalhar com a metodologia da história oral. Assim, as contribuições e estudos de alguns autores como Henri Bergson^{II}, Maurice Halbwachs^{III}, Paul Thompson^{IV}, Michel Pollack^V e Alessandro Portelli^{VI} influenciaram pesquisadores no Brasil como Marieta Ferreira Moraes, Janaína Amado,^{VII} Verena Alberti^{VIII} e Antonio Montenegro^{IX}, só para citar alguns, responsáveis, em certa medida, pela profissionalização da história oral no meio acadêmico brasileiro.

Essa proliferação de estudos, utilizando depoimentos orais passaram a se consolidar dentro de uma tradição que, até então, valorizava apenas o documento escrito. Embora as discussões continuem, novidades e questionamentos são, frequentemente, debatidos nos encontros promovidos pela Associação Brasileira de História Oral- ABHO, tanto em termos nacionais, quanto nas seções regionais, no que se refere ao uso de registros sonoros, à própria constituição da memória e sua relação cada vez mais estreita com a história.

Nessa perspectiva, a maioria dos estudos sobre memória, considera o relato oral de memória permeado pela atividade incessante do presente e (re) significado, através de uma leitura atualizada do passado, portanto, uma construção que opera passado e presente. Esta formulação teórica, elaborada pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs^X, nos anos de 1950, é muito utilizada pelos historiadores.

Halbwachs considerou a reconstrução da memória como um dos aspectos fundamentais de uma teoria da memória. Esta formulação está presente em grande parte dos estudos que são realizados atualmente na academia e dos quais faço parte. Trabalhar alguns

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

aspectos da memória, incluindo sua seletividade, a tensão esquecer\lembrar, são elementos, a meu ver, necessários para iniciar um projeto de pesquisa com relatos orais. Além disso, as características da memória como sua distorção e falta de veracidade, segundo os críticos, podem ser pensadas como uma perspectiva para a pesquisa, como afirma a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, uma das pioneiras no Brasil nos estudos e pesquisas, utilizando a história oral:

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para a aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional de pesquisa.^{XI}

Assim, a história com fontes orais rompe de certa forma com a perspectiva de uma história totalmente verdadeira, óbvia e sem surpresas. Estas características abalam a certeza, creio que de alguns poucos historiadores que ainda permanecem com essa visão sobre a História. Associadas a estas características, pode-se pensar que, a partir dos relatos orais de memória, reconstrói-se um passado relativamente recente da história de um país.

Não sem propósito a história oral encontrou na História do Tempo Presente um campo fértil para seu desenvolvimento. Trabalhar, analisar e relatar depoimentos de homens e mulheres que contam suas experiências de vida tornou-se um caminho viável para a prática da pesquisa em história, nos últimos cinquenta anos, retratando temas como o período militar, a construção de sindicatos na cidade e no campo, anistia política, igreja católica e política, entre os mais diversos temas. Desta forma, a História oral pode ser pensada também como um instrumento para recuperar memórias e experiências, histórias vividas, sendo definida como a história do tempo presente, estatuto adquirido, sobretudo pela “emergência da história do século XX, portanto portadora da singularidade de conviver com testemunhos vivos que sob certo aspecto condicionam o trabalho do historiador.”^{XII}

Assim, os depoimentos orais tornaram-se centrais nos estudos do presente. Através deles, tenta-se percorrer o caminho da memória, buscando entender as interdições, as nuances, o caráter subjetivo das narrativas contadas, (re) atualizando o passado, através das necessidades do presente. Uma das singularidades dos trabalhos com fontes orais é o caráter subjetivo das histórias contadas e organizadas em forma de narrativas.

Tecendo narrativas\ Fabricando histórias

Os relatos orais para os historiadores que trabalham com esta modalidade da história devem ser organizados em narrativa, esta compreendida como prática historiográfica. Faz-se necessário situar o debate em torno do significado da narrativa no mundo contemporâneo: o ato de narrar.

Segundo Paul Ricoeur, “ao narrar coisas predizemos acontecimentos e narramos coisas que consideramos verdadeiras[...] Recordar é ter uma imagem do passado. Porque essa imagem é uma impressão deixada pelos acontecimentos e que permanece fixada no espírito.”^{XIII} Walter Benjamin considera a arte de narrar a faculdade de intercambiar experiências.^{XIV} Portanto, ouvir testemunhos, transcrever e analisar as histórias narradas significa sobretudo centralizar as experiências dos sujeitos nas suas cidades, bairros e escolas

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

sobre o passado, lembrando sempre que este passado é construído pelo presente. A arte de narrar em alguns casos, é realizada para projetar algo ou alguém que se pretende perpetuar. Fala-se para garantir e fazer garantir que o passado certamente não volta, mas jamais será apagado.

Escrever a narrativa histórica possibilita associar passado e presente, permite, quando possível, decifrar alguns dos significados produzidos na narrativa contada. Nessa perspectiva, o historiador pode percorrer os múltiplos caminhos da pesquisa histórica, muitas vezes íngremes, mas desafiantes e instigantes, construindo histórias possíveis e atraentes sobre o lugar.

Os percursos para construção deste artigo partem de uma pesquisa realizada para a tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em História, na Universidade Federal de Pernambuco, em 2008,^{XV} onde são analisadas as experiências de trabalhadores de uma empresa multinacional de mineração, nos anos de 1980 e 1990, portanto, um passado recente. Ouvir as histórias narradas daqueles trabalhadores foi uma lição de vida, aprendi com os testemunhos vivos como o trabalho, em condições perigosas, levou muitos deles a adoecer e contrair uma doença letal e sem cura que a empresa fez questão de esconder dos trabalhadores e da sociedade civil. O trabalho de perfurar rochas, abaixo do subsolo, sem proteção, produzia uma doença, a silicose.^{XVI}

As narrativas produzidas das práticas culturais desses indivíduos só foram possíveis de serem analisadas quando as memórias se constituíram em elementos para sua construção. Entrar nas casas das famílias que tiveram parentes que contraíram e\ou faleceram em decorrência da doença se constituiu em um exercício de pesquisa, mas sobretudo de sensibilidade para lidar com questões que inevitavelmente remetiam a lembranças de dor e sofrimento. Nesse sentido, foi necessário compreender os caminhos da memória, seu lugar de produção e sobretudo como os indivíduos atualizavam aquele passado no presente. Essas memórias em constante movimento reelaboraram o vivido dos sujeitos, reconstruindo a partir do “olhar do presente.”^{XVII} Nessa perspectiva, as narrativas produziram discursos que centralizavam o jogo de poder da empresa, suas redes e como decorrência a submissão dos trabalhadores, levando-os a correr riscos e perigos, entre eles contrair doenças.^{XVIII}

Uma história do trabalho no mundo contemporâneo: confrontos e conflitos

Os dois depoimentos que serão analisados a seguir fizeram parte de um universo de entrevistas realizadas entre trabalhadores e ex-trabalhadores de uma mineradora multinacional, médicos, enfermeiros, assistente social e advogados que relataram o impacto da silicose na cidade de Jacobina, nos anos de 1980 e 1990. É discutida a prática do trabalho no mundo contemporâneo, focalizando esta prática perigosa e exploratória na mineração Morro Velho, apesar do desenvolvimento industrial com suas novas tecnologias.

É preciso, entretanto, para não cair na armadilha do maniqueísmo, caminho mais fácil a ser seguido, tentar compreender o complexo mosaico que se formou da relação trabalho e trabalhadores. Nesse sentido, foi trilhado um caminho longo de pesquisa que revelou depoimentos preciosos que submetidos à análise mostravam mais uma história entre as muitas lutas dos trabalhadores do Brasil.

Convém aqui destacar um dos relatos dos trabalhadores acometidos de silicose por conta do trabalho exercido na mineração. O contato com Agnaldo Amorim dos Santos

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

colocou-me de frente com uma realidade bastante comum entre os funcionários da mineradora. Estava em sua casa, ouvindo seu depoimento, analisando o percurso do discurso que insistia em afirmar o seu valor, enquanto trabalhador obediente, fiel e disciplinado que trabalhou desde a primeira fase da exploração do ouro, no final da década de 1970 até 1991, ano de sua aposentadoria. Foram realizados dois encontros com Agnaldo, no primeiro deles, seu estado de saúde já era delicado, mas continuava andando, conversando, saía pela vizinhança para rever amigos e familiares. No segundo, passado alguns meses da primeira entrevista, Agnaldo já estava bastante debilitado, seu estado de saúde era considerado grave e sua mulher lutava para provar na justiça a associação doença e trabalho, não sendo possível gravar a entrevista.

Diante desse cenário, é possível pensar os desafios do historiador que trabalha com as fontes orais e com um passado relativamente recente da história. Como se isentar e ficar indiferente àquela realidade, ser imparcial, diante dos relatos permeados de muita tristeza, de memórias que revelam o caráter muitas vezes trágico de suas vidas, da dor, revolta, certo conformismo e arrependimento. Aspectos subjetivos dirão os mais conservadores, mas estes compõem também a experiência humana, portanto, devem ser considerados como fundamentais para a construção das narrativas históricas.

Nesse sentido, ao tecer a história desses trabalhadores, selecionei analisar os aspectos subjetivos dos relatos orais, procurando compreender, quando possível, porque o entrevistado escolheu esta e não outra imagem sobre o trabalho nos túneis subterrâneos da mineração, seleção do léxico, repetição, silêncio, gestos do rosto e das mãos, lágrima controlada ou não, sua visão de mundo sobre um trabalho diário e inadequado que subtraíram sua saúde,^{XIX} mas como repetido por Agnaldo, em seu depoimento, foi este trabalho que lhe proporcionou adquirir a casa própria.

Ao rememorar, Agnaldo edita, revisa sua vida e controla seu discurso, quer mostrar a entrevistadora seu valor enquanto trabalhador destemido, fiel e obediente à empresa. Sempre pronto e disponível para trabalhar, muitas vezes sem o repouso necessário para aquele tipo de trabalho, ofertado em uma cidade com poucos ou quase nenhum emprego, com garantias trabalhistas como carteira assinada, férias, décimo terceiro salário e convênio médico.

Agnaldo Amorim dos Santos^{XX} relatou que começou a trabalhar na mineradora, quando esta ainda estava na fase inicial da exploração, em uma empresa de pesquisa que avaliava a viabilidade ou não da produção do ouro na região:

No Itapicuru reabrimos essa galeria que os garimpeiros fizeram ela, aí foi mais a gente não tinha condição de tocar, ela afunilou o garimpo quando afunilou eles largaram aí quando a UNIGEO chegou aqui em pesquisa aí nós reabrimos ela e eu comecei a furar com o martelo a água, furava com martelo, montava na boca da galeria uma bomba de topete que puxava água para o martelo e aí não tinha nem energia sabe como é que furava? Duas lampadzinhas a gás, uma de um lado outra de outro eu furando, agora depois foi que eles trouxeram um motorzinho manual que carregava na mão, funcionava ele e ele gerava energia que era uma energia fraquinha, aí nós começamos a abrir boxe mais isso foi em fase de pesquisa. Quando foi minerar mesmo aí eu passei a ser marteleteiro e comecei a trabalhar de marteleteiro.^{XXI}

Em seu relato, o trabalho de prospecção do ouro, realizado pela empresa, ainda no final da década de 1970,^{XXII} era precário, utilizando métodos rudimentares. Centraliza o fato

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

de trabalhar desde a fase inicial de exploração mineral e seleciona imagens do trabalho que marcaram sua memória e jamais serão apagadas, mas (re) constrói aquele passado com uma leitura da atualidade, revisando sua vida depois que contraiu a doença. Assim, marca seu depoimento, contando as maneiras e formas de realização do trabalho e no seu lembrar está contida uma memória coletiva, produzida em torno da associação trabalho-doença.^{XXIII}

Quando a empresa passou para a fase de produção de ouro, Agnaldo passou a exercer a função de marteleteiro, trabalhador que perfurava as rochas no subterrâneo da mina até encontrar o ouro. Continuava, portanto em uma atividade árdua e perigosa como se pode analisar no depoimento:

O trabalho de furar era o seguinte, furava em frente, lá adiante seguia em frente aí depois ia abrindo um poste pra fazer as lavra, lavra você fura um boxe, fura outro com oito metros, mais oito metros fura, mais outro e ali você fura ele trinta, quarenta, cinquenta metro de fundura sessenta grau, sessenta grau aí depois você vai em cima e abre outro por cima daquele quando tá com sessenta metro ou cinquenta lá em cima abria outro lá em cima, pra depois abrir a camada tirar o material pra minerar.^{XXIV}

O seu relato é uma leitura do presente, sobretudo após contrair a doença. Seleciona e enfatiza as imagens do perigo da atividade, pois não havia proteção. Nesse sentido, (re) edita o discurso para poder mostrar e denunciar que aquele trabalho lhe tirou a saúde. Antes de saber e ou se reconhecer doente, afirmava que a mineração era a melhor coisa do mundo.^{XXV}

Seu relato é marcado pela tensão passado-presente ao tomar conhecimento de que adquiriu uma doença letal e sem cura. Revisita o longo período que trabalhou na mineração, caracterizando o trabalho antes e depois da silicose. Pode-se pensar nos significados e nos sentidos produzidos por aquela experiência na vida de Agnaldo, como o temor de contrair, de ver os colegas morrerem, como narrou:

Não, não imaginava não imaginava não aí depois foi morrendo aí foi silicose, outro dizia silicose saiu o negócio de silicose aí descobriu silicose, aí pronto começou a morrer, começou a morrer, morreu muito, ainda tem gente pra morrer aí ainda como eu também. (risos)^{XXVI}

Sobre seu diagnóstico recorda que só procurou o médico do Estado, quando estava próximo de se aposentar, tinha receio de ficar desempregado, prática muito comum entre aqueles que adoeceram e que já desconfiavam que tivessem a doença. “Aí eu soube que a radiografia deu, acusou a mancha no pulmão.”^{XXVII}

Os casos de silicose entre os trabalhadores, no final da década de 1980 e início dos anos de 1990, tornaram-se visíveis, em parte devido ao trabalho de denúncia do sindicato dos mineiros de Jacobina e do CESAT,^{XXVIII} órgão vinculado à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. O sindicato encaminhava os trabalhadores para o núcleo regional em Jacobina ou mesmo para Salvador, onde funcionava a sede da instituição que realizava os exames e emitia o laudo, confirmando a associação trabalho-silicose. Este documento foi fundamental para que a luta dos trabalhadores ganhasse outros contornos, possibilitando a entrada de processos cíveis na justiça contra a empresa.

Os laudos atestados pelo CESAT constituíram-se em estratégia de luta dos trabalhadores. O relatório denunciava as condições de vida do paciente, como, por exemplo, o caso de um trabalhador que, em 1982, procurou o CESAT, queixando-se de agitação e tremor.

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

Três anos depois foi demitido da empresa e realizou exames médicos, dentre eles o raio-x de tórax que mostrou lesões compatíveis com silicose. Recebia benefício por doença comum, entretanto, sua história de exposição à sílica, trabalhando 10 (dez) anos, na mineração subterrânea de ouro, foi traduzida no relatório médico ao solicitar que seu benefício fosse transformado em benefício acidentário.^{XXIX}

O percurso da doença, incluindo os sintomas, a procura pelo médico e a confirmação do diagnóstico eram longos e permeados de obstáculos, como a obtenção do relatório, prova legal de que o trabalho exercido era perigoso e inadequado, além da dificuldade desse trabalhador procurar o médico. Os motivos eram múltiplos, como o medo de se reconhecer doente e, conseqüentemente, estar excluído do meio social, pois de provedor do lar o trabalhador passava a ficar desempregado ou teria sua renda reduzida. Nos relatos, era muito frequente os depoentes afirmarem seu medo e dos colegas diante dessa nova realidade. Agnaldo recorda alguns casos de colegas que resistiram a procurar tanto o sindicato quanto o médico. Sobre um colega de trabalho, ele afirma:

Ele era marleteiro, e ele começou a sentir chamava de Aristides, Aristides e morreu. Porque chegava no trabalho Aristides tu não tá bem não Aristides? Vai ao médico mais ele coitado além de ser da roça, muito trabalhador daquele que tem trabalho que é fiel na empresa.^{XXX}

Os dados sobre aqueles que procuravam o ambulatório do CESAT revelam uma marca trágica na vida dos trabalhadores, mas não traduzem com fidelidade o número de acometidos de silicose. Mostram apenas parte da experiência de trabalhar em situação de risco, pois a empresa construiu várias estratégias para dissociar silicose-trabalho nas minas, além do desconhecimento dos trabalhadores, diante dos perigos produzidos pelo trabalho, de articulação mais eficiente dos órgãos públicos, e, em certos aspectos, o despreparo do sindicato em lidar com as tensões produzidas da relação capital-trabalho.^{XXXI}

A memória de Agnaldo seleciona os episódios de colegas que morreram ao trabalhar exposto ao perigo. Possivelmente, os que estavam mais próximo deles ou aqueles que por algum motivo o marcaram. É o caso de Expedito Benício de Souza que faleceu aos 29 anos de idade, depois de ter trabalhado de forma intensa por cinco anos e foi um dos primeiros colegas a morrer. Como recordou: “Expedito, morava na (rua) Félix Tomaz, foi um dos primeiros que morreu. Tinha cabra que eu marcava dava pena assim meu Deus tenha pena desse coitado. Tenha pena desse coitado”.^{XXXII}

Agnaldo se refere, particularmente, ao período em que ele foi promovido a encarregado, uma espécie de chefe dos demais trabalhadores. Segundo ele, a forma intensa do trabalho de alguns colegas chamou sua atenção, como o de Expedito. Provavelmente, o fato de o colega trabalhar muitas horas, exposto e em condições precárias, tenha marcado sua memória, recordando como ele próprio aceitou aquele trabalho naquelas condições. Quando foi realizada sua entrevista, Agnaldo revisava que aquele trabalho, como afirmou, tirou sua saúde, mas mesmo assim continuou a trabalhar nos túneis da mina, esperando se aposentar, para poder sair definitivamente da empresa.

Foram muitos os significados que emergiram dessa prática do trabalho. Através dos relatos, foi possível pensar na forma intensiva como trabalhadores, em sua maioria jovens recém chegados das zonas rurais da Bahia e do Brasil, enxergaram, na mineradora, a possibilidade de uma vida melhor, mas, ao contrário do que pensaram, encontraram a tensão e

desigual relação patrão-empregado, capital e trabalho, resultando em doença que os levou à morte.

Sem marido e com filho para criar: um novo arranjo social

A pesquisa teve como foco as relações de força entre empresa e trabalhadores, tentando compreender como foram produzidos os discursos sobre trabalho e doença, analisados como produções de forma de pensar, agir e perceber, sendo analisados no jogo de sua instância.^{XXXIII}

Nessa perspectiva, foi se delineando a necessidade de ouvir os depoimentos das viúvas que tiveram suas vidas modificadas por conta da morte de seus maridos. Selecionei para apresentar, neste artigo, um dos testemunhos que considero bastante significativo, o da mulher de Expedito (citado anteriormente por Agnaldo). Este depoimento constituiu, para a entrevistadora em uma lição de vida, além de propiciar reflexões para aprimorar a metodologia da pesquisa com fonte oral.

O percurso para chegar até a viúva de Expedito, Edelvita de Souza, ocorreu a partir de um dos dirigentes do sindicato dos mineiros. Como o sindicato encaminhou o processo de indenização na justiça cível, a maneira era chegar até sua residência, através de alguém conhecido, nesse caso um representante sindical, para que se pudesse negociar a realização da entrevista, pois Edelvita não queria, no primeiro momento, lembrar acontecimentos que remetiam a uma história de dor. Após muita conversa e ponderações, ela consentiu dar a entrevista.

No primeiro dia, marcado para o depoimento, Edelvita narrou sua história de vida, de menina pobre, na zona rural da Bahia, até sua chegada na cidade de Jacobina, onde trabalhou como doméstica e conheceu Expedito. No primeiro contato, centralizou sua fala no sofrimento de cuidar do marido doente, porque Expedito não aceitava a doença e, conseqüentemente, sua limitação física.

É tanta coisa ruim que aconteceu, tudo bem que tenho saúde, minha filha está com saúde, mas não sei não... a gente morre com essas coisas, não sai mais da gente não... não tenho mais aquela alegria, eu não queria que fosse assim, que tivesse acabado assim... eu acho que vou morrer com aquela lembrança.^{XXXIV}

As experiências de viver com o marido doente de silicose nunca mais serão apagadas de sua memória e foram registradas de maneira intensa. A morte de Expedito, sua nova condição de mulher viúva e com filho para criar permearam sua vida, o tempo havia passado e a memória em constante operação era atualizada. Experiência que a marcou de forma inconfundível, onde lembrava para não esquecer aquele passado. Assim, foi realizada sua entrevista, talvez uma das mais delicadas que realizei nos últimos dez anos, por conta da questão central que moveu a pesquisa: histórias de trabalhadores que contraíram uma doença no trabalho e que faleceram em idade muito jovem, deixando mulher e filhos sem amparo social e jurídico.

No caso de Edelvita, ela era dona de casa, foi criada dentro de um modelo patriarcal, onde o papel da mulher se restringia ao âmbito doméstico, cuidar da casa e dos filhos. Com a morte do marido, a pensão reduzida, voltou a trabalhar como empregada doméstica, afinal de contas tinha uma filha para criar. A doença do marido provocou uma desorganização em sua

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

vida^{xxxv} e assim começou a construir um outro lugar social, precisava se recuperar da ruptura provocada em sua vida e também por isso, mas não só por isso, trilhou o caminho da justiça civil para processar a empresa pela morte de seu marido.^{xxxvi}

Pode-se pensar, a partir de seu relato, que sua vida foi marcada por muitas lutas. Primeiro lutou com o marido pela sua vida, acompanhando ao médico, cuidando de sua doença, lidando com as reações dele, provocadas em grande parte, pela limitação física e psicológica que a silicose causava. Enfim, lutou em diversas frentes de batalha, mas não conseguiu impedir a morte do marido. Enfrentou, a partir dessa nova realidade, outras batalhas como a de provar juridicamente que a morte do marido foi provocada pela forma intensa com que o trabalho era realizado. Além disso, argumentou, no processo cível, que a empresa não protegia seus funcionários, nem tão pouco esclarecia sobre os possíveis riscos. A contenda judicial durou quase uma década e a viúva ganhou nas instâncias superiores, entretanto, a empresa utilizava como estratégia o direito do recurso, interpelando a decisão da justiça. Em meados dos anos de 2000, os advogados das partes entraram em acordo para que a mineradora indenizasse a viúva. Os acordos muitas vezes ocorriam devido a fatores como a lentidão dos trâmites jurídicos, a própria situação das famílias cansadas e desacreditadas de que a luta pudesse chegar a um final que as favorecesse. Enfim, os sentidos dessa batalha, que se travou pela “verdade” dos acontecimentos, parecem múltiplos.

Os túneis das minas produziram a silicose que levou seus funcionários ao adoecimento e a morte porque a gestão do trabalho realizado era precário, exploratório e perigoso. Desses túneis, a doença terminou sendo levada aos tribunais, mas antes atravessou inúmeras batalhas, como o longo trajeto do trabalhador se reconhecer doente, procurar o médico e deixar mulher e filhos desamparados. Os que já haviam falecido legavam aos seus cônjuges a tarefa de reunir provas associando doença-trabalho. As viúvas, além de lutar na justiça, lutavam para continuar vivendo, depois da marca trágica que afetou suas vidas de maneira radical.

Essas e outras histórias sobre trabalho e trabalhadores no Brasil revelam não apenas a marca trágica do trabalho realizado de forma perigosa e inadequada, mas também um mundo do trabalho realizado em pleno Brasil contemporâneo. Os relatos orais de memória de trabalhadores e das viúvas apresentaram histórias carregadas de significados que analisados traçaram a urdidura das tramas históricas sobre trabalho e mineração, possibilitando múltiplas versões para um passado relativamente recente da nossa história.

Notas

^I Doutora em História (UFPE). Professora Adjunto da graduação e pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo História Oral e Memória e membro do grupo de pesquisa GET-UNEB, ambos do CNPq. Publicou o livro *Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina (2008)* Editora da UFPE e a coletânea *História Regional e Local II (2012)*, EDUNEB.

^{II} BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

^{III} HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

^{IV} THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

^V POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989, v.2, n.3, p.3-15; *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 1992, v.5 p. 200-212.

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

-
- ^{VI} PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana:29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: Ferreira, Marieta de Moraes ; Amado, Janaína (orgs). *Usos &abusos da história oral*. de Janeiro,FGV,1996.p.103-130.
- ^{VII} FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs). *Usos &abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV,1996.
- ^{VIII} ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro,FGV, 19; *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ^{IX} MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- ^X HALBWACHS, op. cit, 1990.
- ^{XI} FERREIRA, Marieta de Moraes. Memória e tempo presente. Rio de Janeiro, Topoi, 2002, p.321.
- ^{XII} FERREIRA, Marieta de Moraes. Memória e tempo presente. Rio de Janeiro, Topoi, 2002, p.324.
- ^{XIII} RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I, Campinas: Papirus,1994, p.26.
- ^{XIV} BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica; arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*.7ª.ed.São Paulo: Brasiliense,1999, p.219.
- ^{XV} Este artigo é resultado da pesquisa que realizei no período de 2003 e 2007, em Jacobina, cidade localizada na Chapada Norte da Bahia. Essa pesquisa resultou na tese, premiada e transformada no livro Enredos e Tramas nas Minas de Ouro de Jacobina (Sara Farias, Ed.UFPE, 2008). Neste artigo propõe-se uma leitura atualizada sobre o percurso metodológico dos depoimentos utilizados.
- ^{XVI} A silicose é uma doença ocupacional, adquirida no ambiente de trabalho, produzida pela inalação excessiva de poeira.
- ^{XVII} MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto,1992, 150.
- ^{XVIII} FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Recife: Ed.Universitária UFPE,2008,21-22.
- ^{XIX} FARIAS, op. cit, 232.
- ^{XX} A entrevista foi realizada em 19 janeiro 2006. No ano seguinte, em junho de 2007, Agnaldo faleceu em decorrência da doença. Alguns aspectos dessa entrevista não foram publicados na tese. Através de uma leitura atualizada, apresento o relato de Agnaldo sobre as maneiras de se trabalhar na mineradora.
- ^{XXI} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006.
- ^{XXII} A UNIGEO se instalou na cidade de Jacobina em meados de 1970, trabalhando na fase exploratória. Esse período terminou no começo dos anos de 1980, quando iniciou em novembro de 1982, a fase de produção do ouro.
- ^{XXIII} HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo:Vértice,1990.
- ^{XXIV} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006.
- ^{XXV} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006.
- ^{XXVI} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006.
- ^{XXVII} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006.
- ^{XXVIII} Centro Estadual de Referência da Saúde do Trabalhador.
- ^{XXIX} FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Recife, Ed.UFPE, 2008,p.149.
- ^{XXX} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006.
- ^{XXXI} FARIAS, op. cit, p.167.
- ^{XXXII} Entrevista Agnaldo Amorim, 19 janeiro 2006
- ^{XXXIII} FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. (Trad. Luiz Felipe Baeta Neves) 6.ed.Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p.28.
- ^{XXXIV} FARIAS, op. cit, p.189.
- ^{XXXV} REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: Le Goff, Jacques;Nora, Pierre. *História: novos objetos*. 3ed.Rio de Janeiro: Francisco Alves,1988, p.144.
- ^{XXXVI} FARIAS, op.cit, p.206.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro,FGV, 1990.

A VOZ DA HISTÓRIA: MEMÓRIA, RELATOS ORAIS E TEMPO PRESENTE

SARA OLIVEIRA FARIAS

_____. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica; arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e Tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Memória e tempo presente*. Rio de Janeiro, Topoi, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. (Trad. Luiz Felipe Baeta Neves) 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989, v.2, n.3, p.3-15.

_____. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. 1992, v.5 p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: Ferreira, Marieta de Moraes ; Amado, Janaína (orgs). *Usos & abusos da história oral*. de Janeiro, FGV, 1996. p.103-130.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: Le Goff, Jacques; Nora, Pierre. *História: novos objetos*. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I, Campinas: Papirus, 1994.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Fontes orais

Agnaldo Amorim dos Santos

Edelvita Souza